

personagem

BANCÁRIO RODRIGO MACHADO CONTA COMO VENDEU A LEUCEMIA E GANHOU MEDALHAS NOS JOGOS MUNDIAIS PARA ATLETAS TRANSPLANTADOS

“Minha opção foi acreditar”

O ano de 2012 foi inusitado para o bancário e atleta Rodrigo Machado. Em agosto, ele correu uma meia-maratona pelas ruas de São Paulo. No mês seguinte, estava em um centro cirúrgico, por conta de uma apendicite. Era só o começo de uma série de situações desagradáveis. O fôlego não era o mesmo, e ele foi acometido de uma grande fraqueza, que o impedia de realizar tarefas até então consideradas simples. “Eu subia um lance de escada e já ficava ofegante. Era muito estranho para quem, meses antes, havia corrido 21 quilômetros. Acabei desmaiando e resolvi procurar um médico. Em novembro, tive o diagnóstico de leucemia”, lembra.

A internação foi imediata, no dia seguinte. Durante a semana, foram realizados mais alguns exames e, na sequência, começaram as sessões de quimioterapia. Rodrigo estava com leucemia mieloide aguda (LMA). “Sempre fui muito positivo. Não adianta ficar reclamando e perguntando ‘Por que comigo?’. Quem acredita, tem alguma chance, e quem não acredita, morre até de resfriado. A minha opção foi acreditar”, fala, emocionado.

Rodrigo foi submetido a três ciclos de quimioterapia, no Instituto Brasileiro de Controle do Câncer (IBCC), em São Paulo. Foi lá também que recebeu a notícia de que precisaria de um transplante. “Minha

irmã era compatível. Então tudo correu bem para que ela doasse logo a medula”, relata. Assim, ele foi transplantado em abril de 2013.

Acostumado com a adrenalina, Rodrigo, que praticou natação dos 13 aos 18 anos, voltou à corrida gradativamente. O primeiro passo, dois meses antes do transplante, foi fortalecer a musculatura. “Quanto mais forte eu estivesse, menos danos os medicamentos causariam. A atividade física é boa para várias coisas. A cama do hospital é tentadora, ela te puxa para você ficar ali deitado, mas isso aumenta até o risco de uma pneumonia. Se você estiver muito parado, pode ter uma depressão. O movimento faz você viver melhor”, assegura.

O retorno às atividades físicas deu tanto resultado que Rodrigo correu a meia-maratona do Rio de Janeiro, em agosto de 2015. Parecia tudo bem quando surgiu algo estranho em seu organismo, no final do mesmo ano. “Em dezembro, senti muitas dores abdominais e precisei ser internado. Os médicos pensaram que era algo pontual, uma intoxicação alimentar. Afinal, era final de ano, e isso é comum nessa época. Depois descobrimos uma infecção e uma semiobstrução do intestino. Fiz uma biópsia, que constatou câncer no sangue”, conta.

Rodrigo estava com sarcoma granulocítico, um tumor geralmente associado à LMA que, embora

“Gostaria que as pessoas com algum problema de saúde enxergassem como é bom se movimentar. Os que estão com saúde, então, têm ainda mais motivos para aproveitar. Vamos achar menos problemas e mais soluções”





“Eu era um atleta de fases – às vezes corria, às vezes jogava bola, mas a dedicação à natação realmente foi maior. Então, decidi que era dessa modalidade que eu deveria participar”

raro, pode preceder a doença, ocorrer durante seu curso ou após a remissão. Com a descoberta, começaram mais dois ciclos de quimioterapia, em fevereiro de 2016. O bancário ficou até o mês de abril internado e chegou a perder 18 quilos. Após a alta hospitalar, recomeçou a luta para ganhar peso e, mesmo submetido a seis ciclos de quimioterapia de manutenção, durante seis meses, retomou o trabalho de fortalecimento muscular. Nessa fase do tratamento, também passou por uma terapia chamada infusão de linfócitos. “Foram colhidas células-tronco da minha irmã e linfócitos dela. Eu recebi essas infusões até o início de 2017”, recorda.

FÔLEGO RENOVADO

Em junho passado, quatro anos depois do transplante de medula óssea, Rodrigo, então com 44 anos, embarcou para Málaga, na Espanha, para disputar os Jogos Mundiais para Atletas

Transplantados. “Eu soube da competição pelo programa da Fátima Bernardes [Encontro, da Rede Globo]. O objetivo é incentivar a doação de órgãos”, informa o bancário. Liberado por sua hematologista, desde abril, para praticar atividades físicas, ele decidiu que se inscreveria nos jogos e voltaria a treinar natação. “Eu era um atleta de fases – às vezes corria, às vezes jogava bola, mas a dedicação à natação realmente foi maior. Então, decidi que era dessa modalidade que eu deveria participar”, diz.

Ex-federado, Rodrigo procurou o coordenador do Ginásio Poliesportivo Milton Feijão, de São Caetano do Sul (SP), Walter Luis Rodrigues Júnior, para voltar a treinar. A apenas oito semanas do início dos jogos, Rodrigues elaborou uma rotina de exercícios diários e muitas braçadas. “Em solo firme, eu fazia alongamento, um trabalho de fortalecimento que não chegava a ser musculação, Pilates e fisioterapia, porque estava preocupado também com uma lesão que tinha no ombro”, detalha.

O resultado desse esforço foram duas medalhas de ouro e três de prata. “Ganhei medalha nas cinco modalidades de natação que disputei, e em uma delas bati o recorde mundial da categoria dos transplantados”, comemora. Se depender de Rodrigo, outras vitórias poderão vir no futuro. Ele deseja participar dos jogos de 2019. “Quero continuar incentivando a doação de órgãos. Também gostaria que as pessoas com algum problema de saúde enxergassem como é bom se movimentar. Os que estão com saúde, então, têm ainda mais motivos para aproveitar. Vamos achar menos problemas e mais soluções”, ensina. ■